



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DAMIANA MIGUEL DOS SANTOS

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DE PROFESSORAS DE JUAZEIRINHO – PB:
CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DE PROFESSORAS DE JUAZEIRINHO – PB:
CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

DAMIANA MIGUEL DOS SANTOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de graduado em História

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de
Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2014

S237h Santos, Damiana Miguel dos
História e memória de professoras de Juazeirinho-PB
[manuscrito] : contribuições para a história da educação / Damiana
Miguel dos Santos. - 2014.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo,
Departamento de História".

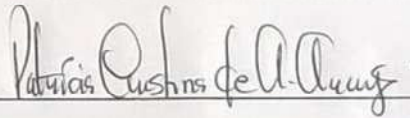
1. História da Educação 2. Juazeirino - Paraíba 3.
Professoras 4. Memória I. Título.

21. ed. CDD 370.9

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE PROFESSORAS DE JUAZEIRINHO – PB:
CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

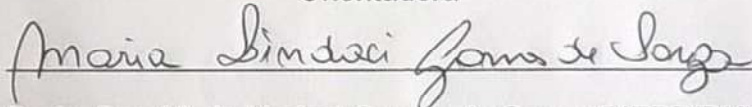
DAMIANA MIGUEL DOS SANTOS

APROVADA EM 05 / 12 /2014



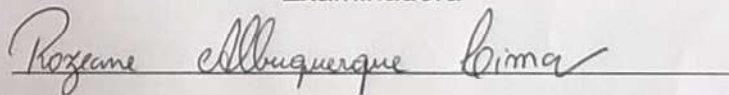
Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB/DH)

Orientadora



Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza (UEPB/DH)

Examinadora



Profa. Me. Rozeane Albuquerque Lima (UEPB/DH)

Examinadora

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2014

HISTÓRIA E MEMÓRIA DE PROFESSORAS DE JUAZEIRINHO – PB: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Damiana Miguel dos Santos

Resumo

Este artigo tem por finalidade destacar a importância das mulheres a partir da memória de quatro professoras da cidade de Juazeirinho – PB. Neste sentido, estamos abordando sobre as memórias de professoras no período compreendido entre 1950 e 1980, enfatizando suas vivências e experiências na educação escolarizada. Procuramos compreender a trajetória de vida e docência de mulheres professoras em Juazeirinho-PB a partir de suas memórias e contribuições para a história da educação do município. A partir de suas narrativas, tentamos identificar como era o cotidiano das professoras, analisando os seus desafios e dilemas no espaço escolar; tomamos como evidência o campo da história cultural para refletir sobre as questões relativas à história e às memórias de professoras. Este trabalho se situa no campo da História cultural a partir dos estudos de gênero, memória e história de vida de professoras a partir dos estudos de Freitas (2003), Louro (1997), Menezes (2007), Mestre (2004), Nora (1981), Ricoeur (2007), Soihet (1997) e Souza (2007). A metodologia utilizada foi a pesquisa da História Oral a partir da história, fazendo uso de entrevistas semiestruturadas de história de vida. Este trabalho nos possibilitou entender a contribuição das professoras na história da educação por meio dos trabalhos desenvolvidos em suas práticas docentes.

Palavras-chave: Memória. Professora. Educação. Desafios.

INTRODUÇÃO

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais... (ALVES, 2000).

O presente trabalho tem por finalidade destacar a importância de se discutir sobre as mulheres e suas memórias na história da educação, ressaltando essas memórias e história de vida a partir da sua vivência. Trata da memória de professoras de Juazeirinho-PB, no período compreendido entre a década de 50 e 80 do século XX, no sentido de compreender a história de vida e docência dessas professoras. A escolha por este recorte se verificou porque as professoras que fizeram parte desta pesquisa atuaram na docência durante este período na história do município.

Durante a pesquisa, foi possível compreender a trajetória de vida e docência de professoras da cidade de Juazeirinho-PB, a partir de suas memórias, e as suas contribuições para a história da educação do município, histórias de vida na educação do município. Como objetivos específicos, apresentamos os seguintes aspectos: analisar a história de vida de professoras em Juazeirinho-PB a partir das suas narrativas, abordando suas experiências e vivências; identificar como era o cotidiano das professoras, enfatizando os seus desafios e dilemas no espaço escolar; identificar, a partir do campo da História Cultural, como as questões relativas à história e memória de professoras são importantes para se compreender a história da educação em Juazeirinho-PB.

Como questões orientadoras da pesquisa, elaboramos os seguintes questionamentos: Qual a importância na história da educação do município de Juazeirinho-PB, as experiências de vida e memória de professoras? De que maneira a história e memória de professoras contribuem para se entender a memória da educação no município de Juazeirinho-PB?

A importância de se estudar este assunto justifica-se pelo fato de que esses relatos contribuem de maneira significativa para a história da educação do município de Juazeirinho-PB, através da trajetória de vida dessas

professoras, já que o tema se dá como contribuição para os estudos de gênero, memória, educação, pois se trata de uma pesquisa qualitativa, enriquecida com o uso de entrevistas.

O referido trabalho se situa no campo da História cultural, com os estudos de gênero, memória e história de vida de professoras, a partir de publicações de Soihet (1997), Paul Ricoeur (2007), Pierre Nora (1981), Mestre (2004), dos estudos de Louro (1997) e Menezes (2007), que discutem sobre memória docente. A História Cultural muito contribuiu para a história da educação, porque, a partir da História Cultural, surgiram novas maneiras de compreender a história, além disso, houve a modificação com relação à maneira de se escrever a história.

A História Cultural contribuiu de maneira significativa para a história da educação, sobretudo através da memória e histórias de vida, pois, possibilitou que os historiadores que trabalham com a educação tivessem novas fontes, desenvolvessem novos objetos de estudos e tratassem de novas abordagens, entre as quais as histórias de vida de professoras. A Nova História Cultural não apenas trouxe possibilidades para a discussão da memória, mas também possibilitou trazer a discussão sobre a trajetória e história de vida de professoras, tendo como exemplo da história de vida de professoras de Juazeirinho-PB, que, nesse campo do saber, permite fazer uma reflexão sobre o significado da vida de docência, as contribuições da vida de professora na história da educação.

Trabalhamos com a metodologia da História Oral a partir dos estudos de Sônia Maria de Freitas (2003). Escolhemos a História Oral de vida, por relatar a vida de professoras e o trabalho delas na docência. A História Oral nos possibilitou, através das narrativas das professoras, compreender não só a vida delas, mas também a história do município a partir da visão das professoras. A perspectiva das professoras na narrativa sobre suas experiências escolares nos permitiu ver como foi a educação do município de Juazeirinho-PB no período em que elas atuaram.

Percebemos que a importância de se usar a História Oral como fonte de pesquisa se dá como uma maneira de valorizar um passado recente, o qual se tornou importante aos olhos do historiador. Nesse sentido Sônia Maria de Freitas (2003) enfatiza que:

A História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A História Oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado. (FREITAS, 2003,p.26).

Desse modo, podemos perceber que a História Oral vem contribuindo muito no que se refere a valorizar a história do tempo presente, não se prendendo a um passado distante, em que poucos foram contemplados como sujeitos da história.

A maior potencialidade deste tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico. Conseqüentemente, reativa o conflito entre liberdade e determinismo ou entre estrutura social e ação humana. (FREITAS, 2003, p.29).

Nesse caso, a História Oral contribuiu para que houvesse o resgate da história através de relatos de pessoas comuns, porém com um enorme conhecimento, que possibilitou acrescentar a reconstrução do passado através de suas narrativas, de suas histórias como um complemento no processo histórico.

Utilizamos como fonte de pesquisa a historiografia sobre o tema de memória e de histórias de vida de professoras, trabalhamos também com a técnica da entrevista semiestruturada, utilizando o gravador para que nossas depoentes, quatro professoras numa faixa etária de 69 a 84 anos, pudessem relatar sobre suas vidas, suas memórias e suas histórias. As entrevistas com as professoras foram realizadas no período de junho a agosto de 2014, em que nos deslocamos para a casa das professoras, conversamos com elas inicialmente sobre a nossa pesquisa e como essa pesquisa viria a contribuir

para a história do município, em seguida, após as professoras marcarem a data, realizamos as entrevistas e transcrevemos o material coletado.

Os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa foram quatro professoras que atuaram na docência no município de Juazeirinho, nas décadas de 1950 a 1980 do século XX. A primeira entrevistada, a professora Terezinha Araújo de Souza, de 78 anos, natural do município de Juazeirinho, casada possui a escolaridade com nível no 2º grau. Atuou na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marechal Almeida Barreto, de 1957 a 1973, e no Colégio Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, de 1957 a 1991. Ensinou também no Mobral e nos Vicentinos. O início de sua atuação foi em 1957, e se aposentou em 1991, fazendo o total de 34 anos na educação.

A segunda professora, Irene Urçulino de Moraes, de 70 anos, natural do município de Juazeirinho, casada, com escolaridade no Ginásio, atuou na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Peixe. O início de sua atuação foi em 1969, e se aposentou em 1994, fazendo o total de 25 anos na educação. A terceira professora, Luzia Evangelista Rangel, de 69 anos, natural do município de Juazeirinho, casada com escolaridade no Logos II, atuou na escola Municipal de ensino Fundamental Joaquim Medeiros.

O início de sua atuação foi em 1973, e se aposentou em 2001, fazendo o total de 28 anos. A quarta professora, Maria das Neves Santos Souza, de 84 anos, natural de Parelhas, Rio Grande do Norte, viúva, com a formação em Pedagogia, atuou na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marechal Almeida Barreto, Colégio Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, e Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Cícero de Souza (Casa da Criança). O início de sua atuação foi em 1960, atuou também no ensino particular, de 1952 a 1960, e se aposentou em 1995, fazendo o total de 43 anos.

As etapas de nossa pesquisa foram, respectivamente: Inicialmente fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre a historiografia relativa ao tema que estávamos abordando, memória, vida de professoras e as questões de gênero na perspectiva das mulheres. No segundo momento, partimos para a pesquisa

de campo e fizemos entrevistas com professoras, no intuito de coletar dados sobre suas vidas, para compor nosso trabalho. No terceiro momento, fizemos as transcrições das entrevistas realizadas com as professoras, no intuito de, a partir dessas entrevistas, desenvolver nossas reflexões neste trabalho.

1. NAS ESCRITAS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO TRAJETOS SOBRE MEMÓRIA: PRESCRUTANDO CAMPO DA HISTÓRIA CULTURAL

A história da educação brasileira passou por inúmeras transformações, estas repercutiram na visão de educação e na história, que foram construídas no decorrer da sociedade brasileira. Desse modo, no decorrer da pesquisa histórica e na produção do historiador, tais mudanças refletiram na concepção de história, no espaço da escola e na vida de professores e professoras. Falar da história da educação é se reportar a diferentes sujeitos em espacialidades e contextos históricos diversos. Neste sentido, em nossa pesquisa, focalizamos a história da educação, as memórias de professoras suas experiências e vivências no espaço educativo escolar.

Nesse trabalho, nossas reflexões se encaminham no sentido de perceber a trajetória docente de professoras da cidade de Juazeirinho – PB, enfatizando como estas viveram o mundo de educar articulado às suas vidas entre os anos 1950 e 1980 do século XX. Esse recorte temporal é rico em possibilidade de estudo para se compreender a memória das professoras e seu campo de atuação profissional.

Com as transformações que ocorreram no decorrer da história, esta passou por um processo de mudança em que o conhecimento tornou-se uma produção histórica daquilo que vivemos. Compreendemos que o passado não volta, porém, este é guardado na memória daqueles que presenciaram determinados acontecimentos e que, por algum motivo, representam a

presença de um passado terminado, porém guardado nas lembranças, em lugares os quais nos dão a impressão de algo que ainda está vivo.

Sendo assim, a importância do uso da memória como fonte histórica se dá, também, como uma forma de relacionar o passado com o presente, como também uma maneira de fazer com que certas tradições, história de vida e lugares criem importância para o trabalho desenvolvido pelo historiador da educação, que almeja trabalhar com acontecimentos vividos pelas pessoas através das suas lembranças, o que nos aponta a importância da memória nos estudos históricos.

Nesse sentido, Paul Ricoeur (2007) traz a discussão sobre a quem pertence a memória, já que, quando se fala em memória, é possível que seja lembrada como algo individual. Para isso, ele remete à Antiguidade, à época de Platão e Aristóteles, para explicar que, naquela época, não se tinha um pensamento de um sujeito coletivo e que essa ideia de sujeito coletivo só começou a ser pensada com o nascimento das ciências humanas. Deste modo não havia uma preocupação com o entendimento da importância de se trabalhar a memória individual e coletiva.

Dentro deste contexto sobre que tipo de memória seria a correta ou não, Ricoeur (2007) recorre a Santo Agostinho para mostrar como a memória vai desempenhar um papel importante na busca da sabedoria e para a manutenção da identidade. Santo Agostinho relaciona a análise da memória à do tempo. É a partir desse vínculo da memória e da passagem do tempo que a tradição do olhar interior vai sendo construída, uma tradição em que os grandes precursores se encontram na Antiguidade.

Ao falar sobre o poder da memória, Santo Agostinho vai tratar desta questão como algo grandioso, em que a memória vai ser explicada através do serviço do autoconhecimento, pois não é algo limitado. A memória não vai representar, neste sentido, um simples lembrar ou recordar, mas vai representar uma das formas fundamentais da nossa existência e essa relação com o tempo, com o invisível, o ausente e o distante, ou seja, o passado será

muito importante, já que não podemos conhecer ou reconhecer aquilo do qual não nos recordamos. (Ricoeur, 2007)

Outro filósofo que vai dar uma grande contribuição a respeito da importância da memória vai ser John Locke apud Ricoeur(2007) que em seus estudos enfatizou que as pessoas são identificadas pela consciência e que, para ele, a consciência seria a forma com que as pessoas utilizam a linguagem e as palavras. Desse modo, uma pessoa é o que é, e isto é o que a diferencia das outras pessoas.

Assim, na visão deste teórico, a consciência faz com que cada pessoa seja capaz de abranger, de forma imediata, o passado que ela viveu e que torna possível recordar, assim sua identidade é estabelecida pela extensão de sua consciência, pois as memórias de suas experiências e ações passadas criam sentido na visão de Locke. Ainda segundo Locke apud Ricoeur (2007), a identidade vai representar algo que não pode ser mudado, apagado, pois a identidade de uma pessoa diz quem ela é. Mesmo com o passar do tempo, nos diferentes lugares, a pessoa continua sendo a mesma.

Assim como Santo Agostinho e John Locke, Husserl nos dá a sua contribuição sobre a tradição do olhar interior para a constituição da memória. Para Husserl apud Ricoeur (2007), aquilo que percebemos do mundo depende da forma como esse algo é aprendido por nós, pois nossas impressões do mundo trazem conosco sentidos, e estas fazem parte de nossa consciência. A consciência vai representar sempre uma intencionalidade, tal intencionalidade possui noções, como sentido, síntese, horizonte, dentre tantas outras.

Sendo assim a lembrança vai ser algo que dura, porém, a partir do momento que esse algo não existir, o que vai existir é uma relação entre um agora e um antes, o vivido na atualidade vai representar uma continuidade daquilo que vivemos. E, neste caso, a ausência só é sentida na lembrança quando nos lembramos da falta de algo. A memória poderá ser modificada com o passar do tempo, porque nem sempre as coisas são do jeito que são expostas, determinados acontecimentos podem representar algo significativo a respeito de uma pessoa e, para outra, representa o contrário.

De acordo com Halbwachs apud Ricoeur (2007), a memória vai estar ligada a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade. Segundo Ricoeur (2007), a partir de uma análise da experiência individual de pertencer a um grupo e na base do ensino recebido pelas pessoas, é que a memória individual toma posse de si mesma.

A esse respeito, através da recordação e do reconhecimento é que nos deparamos com a memória dos outros, as primeiras lembranças encontradas são aquelas compartilhadas, vividas em lugares comuns ou lugares públicos. Desse modo, é através do lugar ocupado em conjunto que as pessoas se definem. Sendo assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupa, que, por sua vez, mudará segundo as relações que ela mantém com os outros.

Em relação a quem é atribuída a lembrança, Ricoeur (2007) propõe não só investigar a problemática da memória explorando os recursos de complementaridade que a memória coletiva e a individual possuem, mas também as abordagens antagônicas que elas contêm através de três sujeitos: eu, o coletivo, e os próximos. A ideia que ele tem do eu é a de que, no que se refere à lembrança, cada pessoa tem um jeito particular de se lembrar dos acontecimentos que fizeram parte do contexto de suas vidas.

No que se refere ao coletivo, na percepção de Ricoeur (2007), a explicação que ele dá para a construção coletiva da memória é que esta vai sendo construída a partir das representações do mundo social, e a partir das memórias individuais é que vão se formando as memórias coletivas. Quanto aos próximos, são aquelas cujas lembranças os aproximam das outras pessoas.

Podemos perceber que a importância da memória não se resume a representar apenas algo particular ou coletivo, mas também à importância que os sujeitos têm para essa construção da memória e, conseqüentemente, para a história. Nessa perspectiva, em relação ao tema sobre memória, Pierre Nora (1981) nos leva a perceber que, se vivêssemos ainda aqueles momentos cuja memória nos faz lembrar, não seria necessário atribuir-lhe a lugares, pois não

perceberíamos as mudanças, porém Nora (1981) ressalta que a diferença existente entre memória e história é que a memória seria os momentos vividos por pessoas ainda vivas, nesse caso a memória vai ser algo duradouro, mas também poderá ser modificada com o passar do tempo, já a história seria a reconstrução e representação de um passado que não existe mais, porém, este passado pode ser ressignificado a partir dos usos que cada sujeito social faz da memória.

Quanto ao uso da memória coletiva, esta continua viva enquanto seus membros continuarem vivos, pois estes, quando morrem, a memória vai junto, talvez seja para isso que os lugares de memória servem, para representar aquilo que foi vivido. Nesse aspecto, Pierre Nora (1981) nos leva a perceber que há um confronto entre memória e história, como afirma o próprio autor, “a memória é sempre suspeita para a História” (NORA,1981,p.9). Um confronto em que cada uma vai a sua maneira mostrar a sua verdade sobre determinado fato. A memória como é um elo que liga o passado ao presente, e a história, como a representação do próprio passado. No que se refere à memória como uma prova importante daquilo que foi vivido, Paul Ricoeur (2007) nos leva a pensar que:

Se não se sabe o que significa a prova da memória na presença viva de uma imagem das coisas passadas, nem o que significa partir em busca de uma lembrança perdida ou reencontrada como se pode legitimamente indagar a quem atribuir essa prova e essa busca? (RICOEUR,2007, p.105).

Nesse caso, Paul Ricoeur (2007) nos apresenta a memória como uma prova dos acontecimentos vividos. Sabemos que aquele acontecimento ocorreu porque ele ainda permanece vivo naqueles que vivenciaram, por outro lado, muitas vezes, aquela imagem vivida, e que agora é uma recordação, representa algo que já não está mais lá, porém um dia estive e foi vivido. O que passa a existir, então, são lugares de memória, representando a existência de um passado que, de algum modo, ficou marcado para aqueles que vivenciaram. É desse modo que Pierre Nora (1981) nos revela que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência, à verdade de todos os lugares de memória. (NORA,1981,p.13).

Sendo assim, não existe memória espontânea, porque, muitas vezes, são manipuladas para que certas verdades não venham à tona. É preciso manter certos ritos e costumes como uma maneira de valorizar a memória daquelas pessoas simples que, até então, pensava-se não terem importância. E assim, o esquecimento é utilizado muitas vezes pela memória como uma maneira de apagar, renunciar, de não aceitar que aquele momento vivido seja recordado, muito menos lembrado.

Certos momentos vividos, como de uma grande perda, uma grande dor, lembrá-los seria como se todo aquele sofrimento viesse à tona outra vez. É desse modo que o esquecimento torna-se tão fundamental, do mesmo modo que, muitas vezes, fazemos questão de lembrar os momentos felizes, porque foram momentos que trazem consigo o prazer da vida. Quando nos lembramos de algo, neste momento nos comportamos como sujeitos da História, através de nossas ações e reações passadas. Pierre Nora (1981), ao falar sobre memória, nos revela que:

À medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em que não se sabe que tribunal da história. (NORA,1981,p.15).

Ao nos revelar sobre o desaparecimento da memória tradicional, Nora (1981) mostra outros aspectos, como prova da memória, ao ressaltar que tais aspectos servem como uma maneira visível de algo existente para provar a reconstituição de um passado em seus mínimos detalhes. Desse modo,

podemos perceber que a memória aparece apresentada em um conjunto que representa momentos de uma dada temporalidade, de um dado momento e de suas representações.

Ressaltamos que, a partir da década de 1970, com a culminância da História Cultural e dos estudos relativos à história das Mentalidades, novos campos de reflexões foram dados para estudo e pesquisa no campo da história e contribuíram para dar voz àqueles sujeitos que, antes, não eram vislumbrados pelos estudos históricos. A partir desta história vista de baixo, temas como os das mulheres passaram a ser discutidos pelo historiador. (VAINFAS, 1997).

2. VIDA DE PROFESSORAS NAS NARRATIVAS DE MULHERES

Falar sobre a história de vida de professoras é tratar sobre o cotidiano da escola, é entender como era a docência numa dada temporalidade e a importância de ser professora como contribuição não apenas para a escola, mas também para a educação no contexto em que elas atuaram. Neste item, abordaremos sobre a importância das mulheres e de que modo, através de suas lutas e de suas conquistas, contribuíram para a história da educação no século XX, conforme nos mostra Mestre (2004).

O século XX foi um período agitado por inúmeras tensões e por uma extrema mobilidade nos destinos humanos. No entanto, pode-se afirmar que, para mais da metade da população mundial - as mulheres - ele também foi um século de conquistas e de grande visibilidade. (MESTRE, 2004, p.12)

Podemos perceber que o século XX foi marcado por lutas sociais, em que a mulher lutava pelo direito a um lugar na sociedade. Mestre (2004) nos esclarece que, em meados do século XIX, um grupo de mulheres, insatisfeitas por não possuírem direito de participação na sociedade, começou a lutar para que homens e mulheres possuíssem direitos iguais. Esse movimento, que era liderado por um grupo de mulheres de elite e também das classes populares,

em sua maioria as que não possuíam poder aquisitivo, teve grande repercussão, pois elas viam vantagens em participar dessas reivindicações. É no século XX que as mulheres começam a sentir a diferença e a disparidade como eram tratadas, conforme PERROT apud MESTRE (2004).

Adentrando o século XX, as mudanças socioeconômicas, como a industrialização crescente, propiciaram gradualmente mudanças no feminismo. A percepção das diferenças então se tornou inevitável: as mulheres ganhavam menos que os homens; sofriam com uma dupla jornada de trabalho e não tinham acesso à educação formal, e tal como acontecia com os homens, também não tinham direitos legais, como trabalhadoras. (PERROT, apud MESTRE, 2004,p.13).

Podemos observar, de acordo com Mestre (2004), que eram difíceis as condições de vida e econômicas a que as mulheres estavam submetidas, principalmente quando estas eram inseridas no mundo do trabalho no processo de industrialização. Mestre (2004) nos aponta, ainda, que foi com a industrialização que as mulheres começaram a perceber as diferenças de condições de trabalho existentes entre homens e mulheres.

No que diz respeito ao tratamento da mulher na sociedade brasileira, desde sua origem, não há de se negar que há desigualdade entre os gêneros. Embora sendo um período que atingiu todas as camadas, no que se refere aos direitos reservados às mulheres, o que se percebeu é que os direitos e a igualdade de gênero eram poucos e, nesse caso, quem mais sentiu na pele essas diferenças foram as mulheres. A mobilização do movimento feminista, a partir da década de 1960, fez com que a história das mulheres ganhasse ainda mais importância, nesse caso, como nos mostra Rachel Soihet apud Flamarion e Vainfas (1997):

A onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu, ainda mais, para o surgimento da história das mulheres. Nos Estados Unidos, onde se desencadeou o referido

movimento, bem como em outras partes do mundo nas quais este se apresentou, as reivindicações das mulheres provocaram uma forte demanda de informações, pelos estudantes, sobre as questões que estavam sendo discutidas. Ao mesmo tempo, docentes mobilizaram-se, propondo a instauração de cursos nas universidades dedicados ao estudo das mulheres. (FLAMARION & VAINFAS, 1997,p.401)

Nesse caso podemos perceber que o movimento feminista, ao assumir uma posição de acordo com o que elas acreditavam e por aquilo que lutavam, contribuiu para dar força e voz à história das mulheres, ganhando destaque em várias partes do mundo. Este movimento repercutiu não apenas entre as mulheres, mas também entre os estudantes, assim como também entre os docentes, que reivindicavam para que fossem instaurados, nas universidades, cursos relacionados ao estudo das mulheres.

Nesse contexto em que são postas as lutas e conquistas das mulheres, pelo direito de igualdade social, política e econômica e também da educação, durante muito tempo, a mulher esteve submetida a cuidar do marido e dos filhos, esse seria o símbolo da mulher ideal para a sociedade. Sabemos que, nos dias atuais, ainda encontramos mulheres que são submetidas a esse modo de viver, apesar das conquistas, a muitas ainda são negados alguns direitos.

Sendo assim, Louro (1997), ao falar sobre a condição da mulher na sociedade, nos mostra que o magistério seria uma espécie de continuação do que as mulheres faziam como donas do lar.

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções social, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc.(LOURO,1997,p.96).

Percebemos, nesse caso, o discurso em que a mulher deveria ter uma vida regrada de entrega à família e ao lar, associada ao trabalho docente, em que elas passariam a cuidar dos seus alunos e alunas como se fossem seus filhos, seguindo normas e práticas que fossem convenientes para o que era exigido pela sociedade.

Por um largo tempo, associou-se, então, a professora com a solteirona, com a mulher que não conseguiu casar. Se o casamento e a maternidade constituíam o destino “natural” e desejado para todas as mulheres, àquelas para as quais isso parecia de algum modo inalcançável restaria se entregar a tarefas que tivessem uma analogia com tal missão. Assim a concepção do magistério como uma extensão da maternidade, como um exercício de doação e amor, como uma atividade que exigia uma entrega vai constituir-lo como a grande alternativa. As moças que “ficavam” solteiras podiam se sentir vocacionadas para o magistério; elas eram, de algum modo, chamadas para exercer a docência. (LOURO,1997,p.104).

Nessa perspectiva, vemos que o magistério aparece como último recurso para as mulheres que não casavam, pois era tido como uma prática que exigia entrega, amor e doação, e nesse caso, as moças que não conseguiam casar, boa parte do tempo seria reservado para exercer a profissão, já que o magistério era visto também como uma missão que exigia entrega à profissão. Seguir a profissão do magistério era, também, uma maneira de dar uma justificativa para a sociedade.

3.TECENDO FIOS DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS EM JUAZEIRINHO-PB: ESCRITAS DE VIDA, ESCRITA DE MEMÓRIAS

Tratar da vida de professoras de Juazeirinho é importante para entendermos a história da educação no município. Neste item, abordaremos a

história de vida de professoras a partir de suas narrativas, do que elas pensaram ser a docência e de como era a vida de docência no contexto em que elas atuaram como professoras. Inicialmente, faremos uma breve explanação sobre a cidade de Juazeirinho, em seguida, chamaremos a atenção para a história de vida dessas professoras a partir das suas próprias falas, da maneira como elas se posicionaram.

A cidade de Juazeirinho está localizada às margens da BR 230. Sua história começou com o repouso dos tropeiros embaixo de um pé de juazeiro. A sombra do juazeiro servia de pouso para os viajantes que iam e vinham do Sertão para Campina Grande. A região de Juazeirinho fazia parte das terras pertencentes à família de Oliveira Ledo. A irmã de Teodósio de Oliveira Ledo, cujo nome era Ana de Oliveira Ledo, em 1753, foi morar na fazenda Joazeiro, esta fazenda foi o marco inicial para o povoamento.

A localização onde a cidade de Juazeirinho está situada contribuiu para que, aos poucos, as terras fossem habitadas. No decorrer dos anos, muitas famílias de outros lugares começaram a habitar Juazeirinho. “A população estava crescendo também pelo influxo de pessoas que deixavam a região tumultuada do Brejo” (RIETVELD, 2009,p.189). Além da criação de gado, caprino e ovino, que cada vez mais se prosperava, nas fazendas das regiões havia também o cultivo de milho, feijão, algodão e outros gêneros alimentícios. Tais fatores contribuíram para que se começasse a pensar em uma feira local, já que a feira em Soledade tinha a distância de quatro léguas (24 Km), este fator contribuiu para que José Felismino e Henrique de Barros, juntamente com outras cinco pessoas, fizessem um requerimento ao coronel Claudino Alves da Nóbrega, que autorizou a feira, e assim, no dia 04 de novembro de 1913, a primeira feira foi realizada com grande sucesso.

Através da lei nº 1.747, de 25 de julho de 1957, líderes do distrito, que lutavam pelo crescimento e pela independência, conseguiram a tão sonhada emancipação política, e o distrito de Juazeirinho deixava de pertencer a Soledade. As primeiras eleições ocorreram em 1958, tendo Severino Pascoal de Oliveira como prefeito eleito. A cidade de Juazeirinho, com o passar dos

anos, foi se desenvolvendo cada vez mais. A economia era centrada basicamente na agricultura de subsistência, extração dos minérios columbita, tantalita, cassiterita e caulín, fontes de renda que contribuíram também para o desenvolvimento da cidade.

No que diz respeito aos aspectos culturais, o carnaval foi introduzido em 1918, por Manoel Vital Filho. A banda de música São José, fundada em 1961, por Alfredo Macena, devido à festa do padroeiro com o mesmo nome, desfilou pela primeira vez na festa do padroeiro. As festas juninas de São João e São Pedro também fizeram e fazem parte da história de Juazeirinho, pois nessas festas juninas os grupos folclóricos e quadrilhas faziam, e ainda fazem, apresentações, alegrando a vida dos filhos da cidade.

Com relação à educação no município, por volta de 1924, chegava à cidade a primeira professora que atuou no município, a professora Josefa Ouriques de Vasconcelos, conhecida como Ziziu Ouriques, vinda de Soledade para ensinar as primeiras letras. Foi também a primeira catequista do município. Como não havia escola pública no município, ela ensinava particular, nas residências. Foi no ano de 1932 que teve a criação do primeiro estabelecimento oficial de ensino público, através da determinação do interventor Antenor Navarro.

Antes de falarmos sobre a vida das professoras de nossa pesquisa, enfatizaremos as escolas onde elas atuaram quando estiveram na docência. A cidade de Juazeirinho, hoje, conta com vinte e três escolas, sendo quinze localizadas na Zona Rural e oito na Zona Urbana, entre as quais as escolas em que as professoras atuaram, respectivamente Escola estadual de Ensino Fundamental e Médio Marechal Almeida Barreto, onde a professora Terezinha Araújo de Souza atuou de 1957 até 1973, foi fundada em 1952, no governo de José Américo de Almeida. Na época, esta escola tinha o nome de Grupo Escolar Almeida Barreto, e foi o segundo estabelecimento de ensino público construído na cidade. A escola tem sessenta e dois anos e está localizada na zona central da cidade.

Escola Municipal de Ensino Fundamental José Peixe, onde a professora Irene Urçulino de Moraes atuou, de 1969 a 1994. Esta escola foi fundada em 1976, na gestão de Francisco Antônio da Nóbrega. A escola possui trinta e oito anos e está situada na zona rural do município. A professora Maria das Neves Santos Souza atuou na docência, no município de Juazeirinho, de 1960 a 1999. Começou ensinando particular, depois foi para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro. Esta escola foi fundada em 1972, porém só começou a funcionar em 1973, no governo de Pedro Pascoal de Oliveira. Possui quarenta e um anos e está localizada na zona central da cidade. Nesta escola, a professora Terezinha Araújo de Souza também atuou de 1973 a 1991.

No ano de 2000, mesmo aposentada, a professora Maria das Neves Santos Souza continuava atuando na docência da escola Municipal de Ensino Fundamental Cícero Francisco de Souza, conhecida pela população como Casa da Criança, fundada no ano de 1979, na administração do prefeito Francisco Antônio da Nóbrega. Esta escola possui trinta e cinco anos e está localizada na zona urbana, no bairro da Bela Vista.

A professora Luzia Evangelista Rangel atuou na docência de 1973 a 2001 em escolas da zona rural, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Medeiros. Foi fundada no ano de 1980, na administração do prefeito Francisco Antonio da Nóbrega. Esta escola possui trinta e quatro anos e esta localizada na Zona Urbana.

Falar da vida de professoras é falar da importância de uma profissional que, durante toda a sua trajetória de vida, dedicou seu tempo à educação. Falar da história da educação do município se torna importante, porque as professoras tanto contribuem para a história da educação do município, através do seu trabalho, quanto da história de sua vida, que está atrelada à história da educação. Desse modo:

O registro de experiências vividas no cotidiano pessoal e/ou profissional possibilita ao sujeito,

enquanto autor e ator de sua própria história, eleger aprendizagens significadoras e ressignificá-las no trabalho de formação inicial ou continuada, no âmbito do trabalho escolar. (SOUZA, 2007, p.11).

No contexto da história do município de Juazeirinho, quatro professoras tiveram uma participação fundamental, entre as quais, como destacamos anteriormente, estão as professoras Terezinha Araújo de Souza, Irene Urçulino de Moraes, Luzia Evangelista Rangel e Maria das Neves Santos Souza, cujas histórias de vida merecem ser registradas, para que, nos anais da história da educação do município de Juazeirinho, as gerações de hoje e as futuras conheçam a importância do trabalho dessas mulheres e o que elas significaram para a história da educação do município.

Nessa perspectiva, falar da história de vida de professoras é falar de profissionais importantes que contribuem e contribuíram com a história da educação brasileira, assim como para a educação do município de Juazeirinho. Desse modo falar sobre a trajetória de vida dessas professoras é registrar, nos anais da história do município, a importância do trabalho dessas mulheres e a maneira como elas, em suas práticas como educadoras, ensinaram uma geração de filhos da cidade. Inicialmente, gostaríamos de refletir sobre o que é ser professora. Para a professora Terezinha Araújo de Souza (2014):

Ser professora é educar as pessoas, os meninos e ter muita paciência com as crianças, né? Porque [...] naquela época, o menino entrou na sala de aula, a responsável pelo que acontecesse era a professora, mas agora já não é mais assim. É moderno, né? Se a pessoa botar castigo ou der uma palmada ou uma bolada [risos], é punido, né? E naquela época não. Os meus atendiam muito, porque a gente que vai entrar numa sala de aula é preciso ter muita responsabilidade, e eu gostei toda a vida [...] e eu sou muito orgulhosa de ter ajudado algumas pessoas como professora e como pessoa. (Terezinha Araújo de Souza, 2014).

Já para a professora Irene Urçulino de Moraes (2014):

Bom, ser professora é a pessoa se dedicar à função e ter muito prazer, aquela tomar conta da escola e dar conta e ser responsável, né? Dos trabalhos que a gente faz. (Irene Urçulino de Moraes, 2014).

Para a professora Luzia Evangelista Rangel (2014):

Ser professora é [...] mostrar aos outros um caminho que eles não conhecem, não sabem. É abrir os olhos de alguns, ensinar alguma coisa, ensinar a eles o caminhar no mundo, porque eles ainda não sabem, né? (Luzia Evangelista Rangel, 2014)

Para a professora Maria das Neves Santos Souza (2014), “Ser professora ou professor é penetrar no interior da criança, preparar para um futuro melhor, não visar somente a ler e escrever”. (Maria das Neves Santos Souza, 2014). Através das narrativas dessas quatro professoras, em relação ao que é ser professora para elas, percebemos que, durante as suas trajetórias de comprometimento com a educação, desenvolveram um trabalho além do que era exigido. Ser professora para elas não se resumia apenas à sala de aula, o amor que dedicaram à profissão fazia com que cada aula, cada momento com seus alunos e alunas, fossem momentos de aprendizado, onde eram afirmados e reafirmados valores que eles ainda não conheciam.

Na fala das depoentes, percebemos que ensinar era também aprofundar relações com os saberes, como também era dedicação ao que faziam, pois isso já fazia parte do seu cotidiano, embora que a partir de diferentes realidades. No que diz respeito à vida das professoras enquanto eram alunas, a professora Terezinha Araújo de Souza (2014) nos relatou que:

Olhe, a minha vida escolar foi muito [pausa], foi muito simples, né, porque eu venho de uma família simples, né, e agente, na época, morava no Alto Grande, sitio Alto grande e (pausa) a gente vinha pra escola com muita dificuldade (...) aí a gente vinha pra escola, numa turma de dez, aí vinha estudava e voltava (...) a professora passava o dever no quadro, e a gente copiava, né,

aí ia responder. O que tivesse errado a gente ia fazer de novo né, aí pronto. (Terezinha Araújo de Souza, 2014).

Percebemos, a partir da fala da professora Terezinha Araújo de Souza (2014), que no período em que ela estudava, o modo de viver era de muita dificuldade, já que muitos alunos e alunas, que eram da zona rural, caminhavam quilômetros para ter acesso à escola. Para a professora Irene Urçulino de Moraes (2014), sua trajetória enquanto estudante começou:

Na base, quer dizer, novinha [...] eu era nova, assim na base, como se diz, seis a sete anos né, antigamente. E depois, com quinze anos, continuei no ginásio [...] trabalhava na zona, assim na agricultura, quando chegava, ia ensinar e quando... fosse à noite, eu ia pro colégio, pra estudar, pronto era muito trabalhosa, mas graças a Deus cheguei junto, né. (Irene Urçulino de Moraes, 2014).

A vida não era fácil, porém o desejo de vencer era maior, as dificuldades enfrentadas eram apenas degraus que as ajudariam a vencer. Nesse contexto, Luzia Evangelista Rangel (2014) ressaltou:

Bom, naquela época, só se ia pra escola de sete anos em diante nera. [...] mas que a gente não começou naquela de sete anos. Começamos bem depois, né, [...] ajudava em casa nas tarefas de casa, vinha a pé, caminhava a pé e vinha pra escola, enquanto que hoje se tem o carro, né, modernizou muito, avançou muito, hoje tem tudo e infelizmente o pessoal não, o alunado não, não quer alguma coisa né, só um ou outro.[...] era tudo na como diz a história, na base da decoreba n'era e tinha-se que a gente vai pra escola, primeiro comprava uma carta de ABC, não se ia pra escola porque não tinha. E tinha e existiu também [...] uma cartilha que chamava cartilha do povo que a gente começava por ali. (Luzia Evangelista Rangel 2014).

A maneira como a depoente se posicionou nos mostra que, por ajudar nos trabalhos domésticos e pela ida e vinda a pé para a escola, era algo bastante exaustivo, seus esforços para conseguir alcançar seus objetivos, apesar das dificuldades, era algo que estava acima de qualquer obstáculo. Percebemos, também, através da fala da professora, que esta percebe mudanças quanto ao ensino e ao acesso do aluno à escola de hoje. Maria das Neves Santos Souza (2014) nos revelou que, em relação a sua vida enquanto estudante, enfrentou obstáculos:

Eu comecei a estudar de oito pra nove anos, porque, naquela época [...] não era assim não. Era um pouco difícil. Bem, para mim mesma, (pausa) logo no início, até a quarta série, nada foi difícil [...] bom, na época, quando eu estudava, a escola era uma responsabilidade muito grande, de exigência, e foi aonde eu tomei um impulso grande, porque eu vi que a escola não era brincadeira. Lá eu estudava de verdade, não era de brincadeira. E do jeito que a gente vê hoje, é muito diferente. O aluno faz o que quer, faz o dever se quiser, se não fizer tá muito bem. (Maria das Neves Santos Souza 2014).

A escola representava um espaço onde era empregada exigência ao aluno, exigência esta que contribuiu para que a professora, enquanto aluna, percebesse a importância e a contribuição que a escola traria para sua vida a partir do momento que ela começou a se dedicar aos estudos. A partir das falas das professoras a respeito da época em que eram estudantes, percebemos que a importância do ensino escolar molda-se na formação do ser humano enquanto estudante, e que a educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, de modo que os indivíduos são envolvidos de maneira necessária e inevitável.

A instituição escolar é um significativo espaço de memórias, mas uma memória que tem uma temática central – a aquisição de determinados conhecimentos sistematizados, escolhidos por um grupo social como imprescindíveis para a sua

permanência. Ao mesmo tempo em que “forma personalidades”, as forma segundo o desejo de um tempo e de um espaço determinados. (MENEZES, 2007, p.24)

Neste aspecto, é de fundamental importância compreender que a escola está inserida em uma realidade social, está inserida na história. Esta realidade resulta da totalidade dos atos, das ações, dos valores, dos princípios em que a escola está localizada, além disso, percebemos também que, através das memórias delas, as boas lembranças tiveram maior importância. O exercício da profissão no dia a dia da professora, no período em que as professoras de nossa pesquisa atuaram, era da seguinte maneira, segundo a professora Terezinha Araujo de Souza (2014):

A gente preparava aula, aí, naquele dia, todo dia, tinha aquela aula, e já tinha um caderno pra todo final de mês a gente ir apresentar aquele trabalho, as aulas que agente fez, dava, apresentava a diretora, do mesmo jeito as provas. (Terezinha Araújo de Souza, 2014).

A professora Irene Urçulino de Moraes (2014) ressaltou que era desse modo: “A gente preparava pelo guia dum professor que tinha, aí preparava as aulas, chegava, transmitia pros alunos”. (Irene Urçulino de Moraes, 2014) Para a professora Luzia Evangelista Rangel (2014) era assim: “A gente mesmo elaborava os exercícios. Aí vinha pra diretora [...], (pausa) e então, se a gente tinha alguma dúvida, aí a gente pedia esclarecimento. Ela indicava, falava, ensinava, então era assim que a gente ia trabalhando”. (Luzia Evangelista Rangel, 2014). Já para a professora Maria das Neves Santos Souza (2014), ao falar sobre o seu dia a dia, nos afirmou:

Bem, o meu dia a dia foi toda a minha juventude dento daquele colégio. Ficou todinha lá. (risos), porque era de manhã, à tarde e à noite. No começo, não. No começo, quando eu comecei em 75, por aí, naquele colégio. Eu ensinava duas vezes, pela manhã e a tarde, mais depois que a coisa foi aumentano, os aluno foi aumentano, e eu

fui pegano mais disciplina, aí não. A minha convivência, só faltava levar a cama e o fogão. Era. A minha convivência era lá dentro. Eu, pra mim, a minha casa era aquele colégio, era pela manhã, à tarde e à noite, pela manhã, a tarde e a noite eu vinha aqui, na carreira. A minha. Agora a dos outro eu não posso garantir. (Maria das Neves Santos Souza, 2014).

A partir dos fragmentos acima, em que as quatro professoras de nossa pesquisa falaram sobre o dia a dia de ser professora no período em que elas atuaram no contexto do ambiente escolar, elas desenvolveram um trabalho muito importante, pois percebemos também a valorização do trabalho da mulher enquanto profissional, dona de casa, mãe e esposa. Nesse sentido, a importância do trabalho da mulher professora para a história da educação no município de Juazeirinho, para a professora Terezinha Araújo de Souza (2014):

Eu acho (pausa), eu tenho certeza que a importância da gente trabalhar como professora é muito importante, devia ser muito bem gratificada, [...] porque a gente sofre muito pra educar, né. (Terezinha Araújo de Souza, 2014).

A professora Irene Urçulino de Moraes vê a importância do trabalho da mulher enquanto professora desse modo:

A importância é formar as criança que a gente toma conta e eles aprender (pausa) e continuar os estudo e depois eles serão pessoas [...] que se dedique a uma coisa mais elevada, né. Que dê certo pra cidade. (Irene Urçulino de Moraes, 2014)

A opinião da professora Luzia Evangelista Rangel (2014), a respeito da importância do trabalho da mulher enquanto professora é que:

É ótimo [...] porque a mulher trabalha, trabalha em casa e se dispõe a ajudar a comunidade, porque é uma ajuda à comunidade, uma professora se dispõe a ir pra uma sala de aula, incentivar o alunado e ajudar a ele descobrir o conhecimento

pra o dia a dia que eles precisam. (Luzia Evangelista Rangel, 2014).

Para a professora Maria das Neves Santos Souza (2014) é:

Importante, porque, principalmente a mulher, quase todas elas, que é mãe de família e luta com criança, quem tem seus filhos, também sabe lutar com os alunos. É diferente de uma pessoa que não é mãe e vai trabalhar com criança. É muito diferente de uma pessoa que já tem criança, que já sente aquele amor diferente pra lutar com outras crianças, é muito importante o trabalho da mulher. (Maria das Neves Santos Souza, 2014).

Sendo assim, a partir das falas das professoras, é notório o trabalho da mulher enquanto professora que ganha mais importância, por ter suas trajetórias de vidas marcadas no dia a dia como contribuidoras para a formação da sociedade, através da educação, seja ensinando através da memorização dos conteúdos ou ensinando de uma maneira que contribuiu para a formação de pessoas na aquisição de saberes.

Nesse contexto, como podemos observar, professores e professoras, ao longo da história da educação, enfrentaram e ainda enfrentam problemas e dificuldades, dentro e fora do ambiente escolar, porém o desejo de promover saberes, atitudes e valores faz com que haja uma aproximação na relação entre professores e alunos. Nessa perspectiva, as quatro professoras de nossa pesquisa exerceram um trabalho excepcional na formação de gerações as quais elas ensinaram. Mesmo com a aposentadoria, elas não esqueceram o trabalho de ser professora e, com isso, percebemos que ainda sentem falta da sala de aula e dos seus alunos. A professora Terezinha Araújo de Souza (2014) nos revelou o que gosta mais de lembrar em relação à época em que atuou na docência:

Eu gosto de me lembrar dos meninos, do jardim era tudo numa cadeirinha né. Eu ensinei seis meses, depois me botaram pra sala de novo, que só era pra brincar, cantar né. (risos). Aí pronto, mais o que eu me lembro muito é do jardim e do meu

segundo ano. Tudim, eu gostava de tudo, mas não tem uma classe que a gente gosta mais né. Pois é essa o período. (Terezinha Araújo de Souza, 2014)

A professora Irene Urçulino de Moraes (2014) disse que o que gosta mais de lembrar é “os ensinamento, os aluno que era muito animado”. A professora Luzia Evangelista Rangel (2014) ressaltou que sente falta das crianças: “As crianças é (risos), as crianças piquenas né. Porque os grandes eles já sabem alguma coisa né. E as criancinhas piquena tudo é festa pra eles”. (Luzia Evangelista Rangel, 2014). Professora Maria das Neves Santos Souza (2014) nos revelou:

Da escola eu faço parte, sim da escola no total, o ambiente né. E a sala de aula, só os aluno que eu não me esqueço [...] porque tinha força de vontade, não era aluno que desse trabalho, era aluno que, na realidade, cumpria com os deveres. [...] era bom demais, eu tenho saudade dos meus alunos demais. Outro dia, eu mexendo ali nas caixas, encontrava cartinha, tanta coisa bacana que eles dizia comigo, tanta coisa boa. Aí eu via que muitos eram tão pobre, que não podia dar. [...] aí eu dizia pra eles, olhe vamos esquecer presente, que o presente maior que uma mãe pode ter [...]é um bom filho e o professor é um bom aluno.(Maria das Neves Santos Souza,2014)

Percebemos, a partir das falas das professoras, que o exercício da docência, para elas, foi esses momentos de muita felicidade. Felicidade porque seus alunos correspondiam as suas expectativas e fizeram com que elas sentissem ainda mais orgulho da profissão e dos seus trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em trabalhar com histórias de vida de mulheres, especificamente de professoras, torna-se importante, porque a mulher, durante muitos anos, foi considerada inferior ao homem e teve sua liberdade controlada por ele. Depois

de muitas lutas e desafios enfrentados para terem seus direitos cumpridos, hoje, ela ainda continua com sua luta e encontra novos obstáculos. No contexto em que abordamos, o trabalho de vida de professoras, especificamente o das professoras de Juazeirinho – PB, possibilitou que, através de suas trajetórias, a história da educação do município ganhasse importância nos anais da história de Juazeirinho, onde estas ensinaram a uma geração de filhos da cidade a partir de diferentes realidades.

Este trabalho nos possibilitou entender, através das falas das depoentes de nossa pesquisa, que, através da educação, podemos mudar de vida, e que a relação de professor e aluno depende do que cada um fizer para tornar o ambiente escolar agradável. A partir do momento que fazemos a diferença na vida das pessoas, elas passarão a ser, também, diferentes na nossa. Ser professor ou professora é uma vocação. Quando se faz aquilo que se ama, não há obstáculo que não possa ser superado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de Ensinar**. São Paulo. Papyrus. 2000.p.15-16.
- CORDEIRO, Simone de Fátima Fernandes (Secretária de Educação do município de Juazeirinho). Dados sobre as escolas de Juazeirinho. 2014.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História X História Oral X Memória*. In: **História Oral procedimentos e possibilidades**. São Paulo: Associação editorial Humanitas 2003. p. 26-29.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis: Vozes 1997. p. 96-104.
- Livro do Município de Juazeirinho. **Projeto Gincana Cultural/ 83- Descubra a Paraíba - coleção livro dos Municípios**. 1ª edição. João Pessoa. 1984. p. 41-42.
- MESTRE, Marilza Bertassoni Alves. *Gênero e Memória: categorias de análise teórica* In: **Mulheres do século XX: Memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)**. Curitiba: 2004. p.12-13.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. **Memória, Autobiografia e relatos de formação: A escola, a sala de aula e o fazer docente**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. CORDEIRO Verbena Maria Rocha. Alves Nilda. História de vida e Formação de Professores. São Paulo: SEED-MEC 2007. p.24.

- NORA, Pierre. **Entre memória e história: A problemática dos lugares**. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento da PUC- SP. São Paulo. 1981 p.9-105.
- PRODER- Programa de Emprego e Renda: Juazeirinho. João Pessoa. SEBRAE/PB 1996. p. 24-25.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **História de vida e Práticas de formação: escrita de si e cotidiano escolar**. In: MENEZES Jaci Maria Ferraz de. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. CORDEIRO Verbena Maria Rocha. Alves Nilda. História de vida e Formação de professores. São Paulo: SEED-MEC 2007 p. 11.
- RICCOUR, Paul. Memória Pessoal, Memória Coletiva. Nota de orientação. In:----- **A Memória, a história, o esquecimento**. (tradução Alain François [et al]). Campinas, UNICAMP, 2007, p. 105-142.
- RIETVELD, Padre João Jorge. **O verde do Juazeiro: História da paróquia de São José de Juazeirinho**. João Pessoa: Impreel Gráfica e Editora. 2009. p. 189.
- SILVA, Cristina & SANTOS, Rosa Lúcia dos (colaboradores) **Juazeirinho 90 Anos Acreditando no Futuro**. Juazeirinho: Gráfica Marcone. 1990.p. 4-5.
- SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. (orgs) CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. Rio de Janeiro: Campus. 1997 p.401.
- VAINFAS, Ronaldo. **História das Mentalidades e História Cultural: Ensaio de Teoria e Metodologia**. (orgs) CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo . Rio de Janeiro. 1997. p.147-148.